

A CRÍTICA TEXTUAL NO ESTUDO DAS VARIANTES DA CARTA IX “A CLARA” DA OBRA *A CORRESPONDÊNCIA DE FRADIQUE MENDES* DE EÇA DE QUEIRÓS.

Fernanda de Oliveira Marconi da Costa

Resumo: O presente trabalho tem por finalidade fazer um levantamento das variantes da carta IX “A Clara” de “*A Correspondência de Fradique Mendes*” de Eça de Queirós. O levantamento das variantes pretende chamar a atenção do leitor para as intromissões de terceiros, contidas nas edições examinadas. Será utilizado o instrumental da Crítica Textual e o confronto entre as edições das cartas terá como base a edição de 1900 digitalizada, do livro existente na Biblioteca Nacional de Lisboa, e retirada da internet. Far-se-á o confronto com mais quatro edições.

Introdução

“Uma correspondência revela melhor
que uma obra a individualidade, o homem,
reproduzindo os costumes, os modos de sentir, os gostos,
o pensar, o confessar, alargando o conhecimento
do homem único, acessível, duma realidade humana.”
- Fradique Mendes.

Este trabalho tem por finalidade fazer um estudo a cerca das variantes da carta IX “A Clara”, dentro da obra *A Correspondência de Fradique Mendes*.

A Correspondência de Fradique Mendes é uma obra semipóstuma cujo autor é Eça de Queirós.

Essa obra é chamada de semipóstuma por não ter sido inteiramente concluída e revisada pelo autor visto que a 1ª edição saiu em 1900, após a sua morte.

A Correspondência de Fradique Mendes inicia a sua publicação em agosto de 1888, primeiro no *Repórter*, a seguir na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro e depois na *Revista de Portugal*, cujo 1º número saiu em 1/07/1889, dirigida por Eça de Queirós, onde foram publicadas como Cartas de Fradique Mendes e só depois da morte de Eça de Queirós saiu dos prelos, em volume.

Muitos problemas têm afetado a edição de textos queirosianos devido à distância do momento da concepção e publicação. Tem-se, por exemplo, a demora na preparação da edição em livro d’*A Correspondência de Fradique Mendes*.

O volume d’*A Correspondência de Fradique Mendes* (1900), cuja escrita e composição tipográfica se arrastaram ao longo dos últimos anos de vida de Eça e acabou por aparecer só depois de sua morte. Por isso, subsistem dúvidas quanto ao arranjo final da obra, cujas peças epistolares podem não obedecer à sintaxe ou até à escolha que o seu autor teria colocado do mesmo modo que se desconhece até onde intervém o responsável pela última revisão.

A Crítica Textual é o campo de conhecimento que se ocupa da restituição da forma genuína dos textos e a sua motivação está no fato de que os textos sofrem alterações ao longo do processo de sua transmissão.

O grande dever da Crítica Textual é guardar a integridade dos documentos mais importantes da literatura e da cultura a fim de defender e valorizar o patrimônio literário e cultural de um povo refletindo as intenções finais do autor de uma determinada obra, restaurando-lhe os textos com a maior fidedignidade possível.

A Crítica Textual busca a exatidão da obra do autor. Ela respeita a visão do autor mesmo que ele esteja contrário às regras, sempre respeitando a última vontade dele.

Sempre que, por uma razão qualquer, o original de um texto não esteja disponível, a Crítica Textual se encarregará do restabelecimento do texto.

A tarefa da Crítica é a de reconstruir o original perdido ou um texto de qualquer maneira fidedigno com base numa tradição manuscrita ou impressa.

A edição crítica de uma obra baseia-se na totalidade dos testemunhos elaborada de acordo com critérios científicos rigorosos.

O escritor José Maria Eça de Queirós é considerado o maior romancista e prosador da literatura portuguesa, passando por um rico epistolário, na segunda metade do século XIX. Nasceu em 25 de novembro de 1845, em Portugal, e faleceu em 16 de agosto de 1900, em Neuilly, França.

A maioria de suas obras enquadra-se dentro dos padrões do Realismo-Naturalismo baseados nos módulos da literatura francesa e, em especial por Flaubert e Zola.

Eça de Queirós era muito cuidadoso na preparação, acabamento e publicação de seus livros. Para Eça, a revisão das provas era de suma importância.

I - A obra *A Correspondência de Fradique Mendes*

O livro *A Correspondência de Fradique Mendes* é dividido em duas partes: A primeira parte é apresentada por um narrador que se identifica na primeira pessoa do singular e trata de apresentar e de exaltar a vida do ídolo Fradique (autor das “Lapidárias”), sendo as cartas, tudo o que restou de um grande homem, que é apresentado como se realmente tivesse existido, por isso o narrador mescla nomes de pessoas reais com nome de pessoas fictícias.

O narrador conhece Carlos Fradique Mendes em 1867 em Lisboa. Revêem-se em 1871, no Egito, e, em 1880, em Paris, por acaso, num café, gera-se uma amizade que dura oito anos até a morte de Fradique Mendes em 1888.

A segunda parte apresenta, sem ordem aparente, as epístolas, que são fragmentos saídos supostamente do punho de Fradique.

Carlos Fradique Mendes é o autor das cartas, era um dandy e um aventureiro incansável por lugares e por idéias exóticas.

Existem dezesseis cartas, sendo nove dirigidas a senhoras e sete dirigidas a homens, sendo que três cartas dirigidas a Clara.

A carta IX de Fradique Mendes a Clara (objeto de análise das variantes) tem a intenção de persuadir e a aceitar verdades que são reveladas e de cativar sua adesão utilizando um conjunto de estratégias e técnicas características do discurso argumentativo. Essa carta é impregnada de imaginação e o olhar que vê e observa essa realidade é conceitual, se prendendo aos campos do conhecimento e da cultura.

Na carta a Clara nota-se uma atitude de sedução masculina, exercida sobre a mulher e um idealismo amoroso.

II – O estudo das variantes da carta IX a Clara d’a *Correspondência de Fradique Mendes*.

A análise das variantes da carta terá como base as seguintes publicações:

- a) Edição de 1900, digitalizada do livro existente na Biblioteca Nacional de Lisboa, retirada da Internet.
- b) Edição de 1902 – publicada pela livraria Chardon, Porto.
- c) Edição S/D da Editora Livros do Brasil – Lisboa que, segundo o livro “é de acordo com a 1ª edição (1900)”
- d) Edição de 1952 – Editora Lello e Irmão – Editores.
- e) Edição de livros de bolso da ed. Europa – América. S/D – Editor Francisco Lejon de Castro.

O confronto entre as cartas à Clara d’A *Correspondência de Fradique Mendes* faz parte da *collatio*, contudo a *collatio* não será completa porque não se partiu dos manuscritos e de todas as edições publicadas em vida do autor. Por isso, as variantes elencadas serão as variantes de transmissão ou de terceiros, pois não são da lavra de Eça de Queirós, mas foram transmitidas a partir de várias edições da *Correspondência*.

III – Critérios para a elaboração do aparato crítico negativo da carta IX A Clara d’A *Correspondência de Fradique Mendes*

O texto base que serve para o confronto das outras edições é a edição de 1900, pois foi o primeiro livro impresso. As outras variantes são as edições de 1902; edição sem data da Editora Livros do Brasil que segundo os editores é de acordo com a edição de 1900; edição de 1952, e uma edição de bolso também sem data da Editora Europa-América.

Todas as variantes serão registradas em aparato de rodapé.

Quando houver mudança de linha, isto será registrado da seguinte maneira [/]

Todas as pontuações serão consideradas como variantes, pois implicam numa alteração importante da intenção do autor, assim como a utilização de palavras maiúsculas dentro do texto.

Quando a variante consiste numa alteração tipográfica reproduz-se a palavra ou as palavras afetadas.

A grafia do texto está atualizada de acordo com as normas gramaticais atuais.

O aparato crítico é negativo.

A Correspondência de Fradique Mendes

TEXTO CRÍTICO E APARATO

IX

A CLARA...

(Trad.)

Paris, junho¹.
Minha adorada amiga.² –³ Não, não foi na *Exposição dos Aquarelistas*⁴, em março⁵, que eu tive com você o meu primeiro encontro, por mandado dos Fados. Foi no inverno⁶, minha adorada amiga, no baile dos Tressans. Foi aí que a vi, conversando com Madame Jouarre, diante d’uma⁷ console, cujas luzes, entre os molhos de orquídeas, punham no seu cabelo aquele nimbo d’ouro⁸ que tão justamente lhe pertence como “rainha de graça entre as mulheres”. Lembro ainda, bem religiosamente, o seu sorrir cansado, o vestido preto com relevos cor de botão d’ouro⁹, o leque antigo que tinha fechado no regaço. Passei; mas logo tudo em redor me pareceu irreparavelmente enfadonho e feio; e voltei a readmirar, a *meditar*¹⁰ em silêncio a sua beleza, que me prendia pelo esplendor patente e compreensível, e ainda por não sei que de fino, de espiritual, de dolente e de meigo que brilhava através e vinha da alma. E tão intensamente me embebi n’essa contemplação, que levei comigo a sua imagem, decorada e inteira, sem esquecer um fio dos seus cabelos ou uma ondulação da seda que a cobria, e sorri a encerrar-me com ela, alvoroçado, como um artista que em algum escuro armazém, entre poeira e cacos, descobrisse a Obra¹¹ sublime d’um¹² Mestre¹³ perfeito.

E, porque o não confessarei? Essa imagem foi para mim, ao princípio, meramente um Quadro¹⁴, pendurado no fundo da minha alma, que eu a cada doce momento olhava - mas para lhe louvar apenas, com crescente surpresa, os encantos diversos de Linha e de Cor¹⁵. Era somente uma rara tela, posta em sacrário, imóvel e muda no seu brilho, sem outra influencia mais sobre mim que a d’uma¹⁶ forma muito bela que cativa um gosto muito

¹ Paris, junho] B: Paris, Junho; C: Paris, Junho; D: Paris, Junho

² Minha adorada amiga] B: [/]; D: [/]

Minha adorada amiga] B: Minha adorada amiga; D: Minha adorada amiga

³ – Não, não foi] B: Não, não foi; D: Não, não foi

⁴ *Exposição dos Aquarelistas*] B: Exposição dos Aquarelistas; D: Exposição dos Aquarelistas

⁵ Março] B: Março; C: Março; D: Março

⁶ inverno] B: Inverno; C: Inverno; D: Inverno

⁷ d’uma] B: de uma; D: de uma

⁸ d’ouro] B: de ouro; C: de ouro; D: de ouro

⁹ d’ouro] B: de ouro; C: de ouro; D: de ouro

¹⁰ *meditar*] B: meditar; D: meditar

¹¹ Obra] B: obra; D: obra

¹² D’um] B: de um; D: de um

¹³ Mestre] B: mestre; D: mestre

¹⁴ Quadro] B: quadro; D: quadro

¹⁵ Linha e de Cor] B: linha e de cor; D: linha e de cor

¹⁶ d’uma] B: de uma; D: de uma

educado. O meu ser continuava livre, atento às curiosidades que até aí o seduziam, aberto aos sentimentos que até aí o solicitavam;¹⁷ - e só quando sentia a fadiga das coisas imperfeitas ou o desejo novo d'uma¹⁸ ocupação mais pura, regressava à Imagem¹⁹ que em mim guardava, como um Fra Angélico, no seu claustro, pousando os pinceis ao fim do dia, e ajoelhando ante a Madona e implorar dela repouso e inspiração superior.

Pouco a pouco, porém, tudo o que não foi esta contemplação²⁰ perdeu para mim valor e encanto. Comecei a viver cada dia mais retirado no fundo da minha alma, perdido na admiração da Imagem²¹ que lá rebrilhava – até que só essa ocupação me pareceu digna de vida, no mundo todo não reconheci mais que uma aparência inconstante, e fui como um monge na sua cela, alheio às coisas mais reais, de joelhos e hirto no seu sonho, que é para ele a única realidade.

Mas não era, minha adorada amiga, um pálido e passivo êxtase diante da sua Imagem²². Não! era antes um ansioso e forte estudo dela, com que eu procurava conhecer através da Forma a Essência²³, e (pois que a Beleza²⁴ é o esplendor da Verdade²⁵) deduzir das perfeições do seu Corpo²⁶ as superioridades da sua Alma²⁷. E foi assim que lentamente surpreendi o segredo da sua natureza; a sua clara testa que o cabelo descobre, tão clara e lisa, logo me contou a retidão do seu pensar: o seu sorriso, d'uma²⁸ nobreza tão intelectual, facilmente me revelou o seu desdém do mundanal e do efêmero, a sua incansável aspiração para um viver de verdade e de beleza, cada graça de seus movimentos me traiu uma delicadeza do seu gosto: e nos seus olhos diferenciei o que neles tão adoravelmente se confunde, luz de razão, calor de coração, luz que melhor aquece, calor que melhor alumia... Já a certeza de tantas perfeições bastaria a fazer dobrar, n'uma adoração perpetua, os joelhos mais rebeldes. Mas sucedeu ainda que, ao passo que a compreendia e que a sua Essência²⁹ se me manifestava, assim visível e quase tangível, uma influencia descia dela sobre mim – uma influencia estranha, diferente de todas as influencias humanas, e que me dominava com transcendente onipotência. Como lhe poderei dizer? Monge, fechado na minha cela, comecei a aspirar à santidade, para me harmonizar e merecer a convivência com a Santa³⁰ a que me votara. Fiz então sobre mim um áspero exame de consciência. Investiguei com inquietação se o meu pensar era condigno da pureza do seu pensar; se no meu gosto não haveria desconcertos que pudessem ferir a disciplina do seu gosto; se a minha idéia da vida era tão alta e séria como aquela que eu pressentira na espiritualidade do seu olhar, do seu sorrir; e se o meu coração não se dispersará e enfraquecera demais para poder palpitar com paralelo vigor junto do seu coração. E tem sido em mim agora um

¹⁷ o solicitavam;] D: o solicitavam –

¹⁸ d'uma] B: de uma; D: de uma

¹⁹ Imagem] B: imagem; D: imagem

²⁰ esta contemplação] D: esta contemplação,

²¹ Imagem] B: imagem; D: imagem

²² Imagem] B: imagem; D: imagem

²³ Forma e Essência] B: forma e essência; D: forma e essência

²⁴ Beleza] B: beleza; D: beleza

²⁵ Verdade] B: verdade; D: verdade

²⁶ Corpo] B: corpo; D: corpo

²⁷ Alma] B: alma; D: alma

²⁸ d'uma] B: de uma; D: de uma

²⁹ Essência] B: essência; D: essência

³⁰ Santa] B: santa; D: santa

arquejante esforço para subir a uma perfeição idêntica àquela que em si tão submissamente adoro.

De sorte que a minha querida amiga, sem saber, se tornou a minha educadora. E tão dependente fiquei logo desta direção, que já não posso conceber os movimentos do meu ser senão governados por ela e por ela enobrecidos. Perfeitamente sei que tudo o que hoje surge em mim de algum valor, idéia ou sentimento, é obra dessa educação que a sua alma dá a minha, de longe, só com existir e ser compreendida. Se hoje me abandonasse a sua influência – devia antes dizer, como um asceta, a sua Graça – todo eu rolaria para uma inferioridade sem remissão. Veja pois como se me tornou necessária e preciosa... E considere que, para exercer esta supremacia salvadora, as suas mãos não tiveram de se impor sobre as minhas – bastou que eu a avistasse de longe, numa festa, resplandecendo. Assim um arbusto silvestre floresce à borda d'um³¹ fosso, porque lá em cima nos remotos céus fulge um grande sol, que não o vê, não o conhece, e magnanimamente o faz crescer, desabrochar, e dar o seu curto aroma... Por isso o meu amor atinge esse sentimento indescrito e sem nome que a Planta³², se tivesse consciência, sentiria pela Luz³³.

E considere ainda que, necessitando de si como da luz, nada lhe rogo, nenhum bem imploro de quem tanto pode e é para mim dona de todo o bem. Só desejo que me deixe viver sob essa influência, que, emanando do simples brilho das suas perfeições, tão fácil e docemente opera o meu aperfeiçoamento. Só peço essa permissão caridosa. Veja pois quanto me conservo distante e vago, na esbatida humildade d'uma³⁴ adoração que até receia que o seu murmúrio, um murmúrio de prece, roce o vestido da imagem divina.

Mas se a minha querida amiga por acaso, certa do meu renunciamento a toda a recompensa terrestre, me permitisse desenrolar junto de si, num dia de solidão, a agitada confidência do meu peito, decerto faria um ato de inefável misericórdia – como outrora a Virgem quando animava os seus adoradores, ermitãs e santos, descendo numa nuvem e concedendo-lhes um sorriso fugitivo, ou deixando-lhes cair entre as mãos erguidas uma rosa do Paraíso.³⁵ Assim, amanhã, vou passar a tarde com Madame de Jouarre. Não há aí santidade de uma cela ou de uma ermida, mas quase o seu isolamento³⁶; e se a minha querida amiga surgisse, em pleno resplendor, e eu recebesse de si, não direi uma rosa, mas um sorriso, ficaria então radiosamente seguro de que este meu amor, ou este meu sentimento indescrito e sem nome que vai além do amor, encontra ante seus olhos piedade e permissão para esperar. –³⁷ FRADIQUE³⁸.

³¹ d'um] B: de um; D: de um.

³² Planta] B: planta; D: planta

³³ Luz] B: luz; D: luz

³⁴ d'uma] B: de uma; D: de uma

³⁵ do Paraíso. Assim] A: do Paraíso./Assim

³⁶ mas quase o seu isolamento:] C: mas quase o seu isolamento;

³⁷ Permissão para esperar. –] B: permissão para esperar. ; D: permissão para esperar.

³⁸ FRADIQUE] B: [/]; D: [/]

FRADIQUE] B: Fradique; D: Fradique

Conclusão

Na edição de 1902 houve apenas uma variante; A edição sem data da Editora Livros do Brasil, que segundo o livro é “de acordo com a primeira edição” foi a que sofreu maiores variantes, não respeitando a *vulgata (editio)*, seguindo-se da edição de bolso.

Nas edições confrontadas (*collatio*) encontram-se variantes de pontuação, modificação de letras, divergência entre palavras escritas em maiúsculas na *vulgata* e que no cotejo das outras edições estavam escritas com letra minúscula. De qualquer maneira, modificando a intenção do que estava escrito na *vulgata* (1900). Também não se pode dizer que seja intenção do autor visto que é uma obra semipóstuma e prevalece mais a idéia dos sucessores que cuidaram dessa obra.

O problema das edições póstumas ou semipóstumas, organizadas com critérios variáveis por editores, amigos, familiares etc. apresentam-se com frequência na maioria dos textos modernos.

Em *A Correspondência de Fradique Mendes*, como o autor não fez a revisão nem participou em algumas fases da composição da obra, não se tem certeza de que o livro corresponda ao original, ou seja, a última vontade materializada pelo autor.

Em Portugal, existe uma equipe chamada Eça de Queirós, coordenada pelo Professor Doutor Carlos Reis com a finalidade de rever, estudar, analisar e organizar o espólio de Eça.

Essa equipe está preparando a Edição Crítica da *Correspondência de Fradique Mendes* a partir dos manuscritos que estavam em poder da família Salema Garção.

No caso de Eça de Queirós nem sempre se torna fácil identificar de forma certa a vontade do autor no que diz respeito às edições póstumas, organizadas por parentes e amigos. Nesses póstumos é bastante conhecida a atuação do filho e da filha do autor, em que as boas intenções de organização, seleção e correção estilística e revisão dessas edições póstumas estimulam a elaboração de uma edição crítica sobre o espólio.

Deve-se ter uma estratégia de análise e valorização crítica para a publicação das obras semipóstumas e póstumas e divulgadas de acordo com critérios científicos-culturais, sempre respeitando a lição do autor.

Referências bibliográficas

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. De. *Teórica da Crítica Textual*. Rio de Janeiro: HP. Comunicação, 2004.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à Crítica Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005

CASTRO, Ivo. *Enquanto os escritores escrevem... (Situação da crítica textual moderna)*. In: Conferência plenária, IX Congresso da ALFAL. 1990. Campinas.

HOUAUSS, Antônio. *Instituto Antônio Houaiss. Dicionário da Língua Portuguesa* Editora Objetiva, RJ. P.2830/2001

REIS, Carlos/ MILHEIRO, Maria do Rosário. *A Construção da Narrativa Queirosiana. O Espólio de Eça de Queirós*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1989

SPAGGIARI, Bárbara/ PERUGI, Maurício. *Fundamentos da Crítica Textual*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004

Queirosiana (Revista) Estudos sobre Eça de Queirós e a sua geração. Nº 2, julho de 1992

Estudos Queirosianos – Eça e Fradique: as cartas e os temas. Maria João Limões

Revista da Universidade de Aveiro – Letras/1993 Ed. Departamento de Línguas e Culturas Modernas da Universidade de Aveiro /1993. Nºs 6, 7 e 8. 1989/1990/2001. p.125 a 134

Internet:

CHATIER, Roger. A História Hoje: dúvidas, desafios, propostas. IN: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/140.pdf>

BIBLIOTECA NACIONAL: Fradique Mendes
www.bn.pt/agenda/fradique/site/index.html

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS
www.academia.org.br/abl/cgi/cgilva.ex/sys/start.

EPÍSTOLA
www.fcsh.unl.pt/edt/verbetes/E/epistola

CATEDRA/ PUC-Rio
www.letras.puc.rio.br/catedra/revista/1sem_05.html